

REPRESENTAÇÕES DA MORTE NAS OBRAS *UNE FEMME* (1987) DE ANNIE ERNAUX E *UNE MORT TRÈS DOUCE* (1964) DE SIMONE DE BEAUVOIR

Rosiane XYPAS*

RESUMO: A literatura escapa ao que atinge a todos. Porém, para ampliar a compreensão da dor causada pela morte de um ente querido, podem-se buscar referências em outras ciências humanas como a História, a Sociologia, a Psicanálise pensadas junto à experiência estética vivida pela leitura do texto literário. Ora, se somos o que lemos, e o que lemos é, tanto construto de quem escreve quanto de quem lê, quais os processos do luto advindos da perda e da ausência de um ente querido? Como reagimos a uma perda afetiva? Para responder estas perguntas, fizemos uma análise comparativa das obras *Une Femme* (1987) de Annie Ernaux e *Une Mort très douce* (1964) de Simone de Beauvoir, ambas escritoras contemporâneas francesas, sobre o anúncio e as reações das personagens-narradoras no tocante à morte de sua mãe. A abordagem é comparativa e foi feita à luz de teorias da recepção com foco na narração do tema da morte; da psicologia social no tocante ao termo representação; da psicanálise do luto visando ao entendimento sobre perdas e ausências e, por fim, as da história da morte no Ocidente no tocante às atitudes do homem diante desse fenômeno.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura francesa. Luto. Morte. Representações.

Introdução

O texto literário nos faz experimentar pela leitura, a liberdade criativa do autor no surgimento de representações diversas de qualquer tema que seja atrelado

* UFPE - Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Recife - PE - Brasil.
50670-901 - rosiane.mariasilva@ufpe.br

à vida como amor, ódio; **ao tempo** eterno, breve, e **à morte**, dor, sofrimento, negação, proibição, ressurreição. Vida, tempo e morte parecem desencadear todos os temas tratados na Literatura. E se o vocabulário da morte na medicina revela denotação, na Literatura, ela visa atrasá-la, denunciá-la, renegá-la ou sublimá-la. E a Literatura o faz sem nenhum constrangimento. Sua preocupação não é com a verdade, mas com a possibilidade de vermos de modo diferente aquilo que pensamos conhecer.

O intrigante fenômeno da morte se faz presente na Filosofia, na Psicologia, na Sociologia, na História, como em outras ciências. Quando pensamos na morte, pensamos em luto, a manifestação da experiência mais dolorosa e difícil da vida. Ele é desencadeado por perdas e ausências, tanto de ideais quanto de entes queridos. A Psicanálise afirma que o luto deve ser vivido e nunca negado. Ele nasce e se confunde com a própria História da morte no Ocidente, engendrando diversas mudanças de atitudes do ser humano diante do fenômeno da morte. Na Literatura, pensamos a noção de representação, mas também a de criação como termos fundamentais no jogo ficcional da leitura que implica o leitor, em movimentos de distanciamento e de aproximação do lido.

O objetivo deste artigo é analisar de modo comparativo as representações do processo do luto em duas narrativas de ficção oriundas de duas vozes femininas: Annie Ernaux (1940-) na obra *Une Femme* (1987) (*Uma Mulher*)¹, na qual a escritora diz ter perdido o último liame de seu mundo de origem, e Simone de Beauvoir (1908-1986) na obra *Une Mort très douce* (1964) (*Uma morte suave*), na qual a escritora diz que sua mãe **dormiu** porque não existe morte natural, embora sejamos mortais, e que a morte para cada homem é um acidente.

Vale lembrar aos leitores que as escritoras escolhidas são renomadas e cobertas de diversos prêmios literários e que ambas nasceram na França do século XX. No tocante às obras, nossa escolha se deu pelo fato de tratarem do tema da morte da pessoa que nos dá a vida, a saber, a mãe. Então, como reagem as personagens-narradoras a essas perdas afetivas?

O presente artigo traz uma análise de abordagem qualitativa à luz de teorias da estética da recepção com Iser (2002), na qual o leitor pode ser afetado por suas representações mentais; da psicanálise do luto com Freud (2006) e Bacqué (2000) onde se demonstra que o luto é um processo doloroso, mas necessário, e da História com o ensaio de Ariès (1975), esclarecendo-nos sobre a evolução das atitudes do homem diante da morte. Enfim, a análise comparativa foi feita

¹ Todos os textos em língua francesa foram traduzidos por nós.

Representações da morte nas obras *Une femme* (1987) de Annie Ernaux e [...]

em excertos das obras no tocante ao anúncio, às decisões tomadas para o enterro, o próprio enterro e a volta para a casa após a morte da mãe das personagens-narradoras. Por fim, as considerações finais.

Vida e obra de duas vozes femininas enlutadas: brevíssimo panorama

Annie Ernaux e Simone de Beauvoir escrevem em língua francesa e fazem ambas parte da Academia Francesa de Letras. Nascidas no século XX, suas origens são bem distintas: de Beauvoir, nasce no início deste século e é de origem nobre, e Ernaux nasce nos anos 40, e é de origem popular. No entanto, ambas se tornaram grandes vozes femininas da literatura francesa.

Annie Ernaux escreve desde meados dos anos 70. Ela é coberta de prêmios literários, dentre eles o prêmio Marguerite Yourcenar, e é doutora *honoris causa* da universidade de Cergy-Pontoise. Sua obra literária é vasta e considerada como auto-socio-biográfica. Ela principia a escrita literária com a publicação de *Armários Vazios* (*Les Armoires vides*, 1974) e segue até hoje escrevendo².

A obra *Une Femme*, escolhida neste estudo, é composta de 46 páginas na compilação de suas obras intitulada *Écrire la vie* (*Escrever a vida*)³. Annie afirma que escrever sobre a morte de sua mãe é “[...] em momento algum, um testemunho, nem uma denúncia, mas apenas o resíduo de uma dor [...]” (ERNAUX, 1997, p.13)⁴. A escrita é necessária e a projeta no tempo, como diz: “[...] eu tinha a impressão de me colocar no tempo onde ela não será mais.” (ERNAUX, 1997, p.11–12)⁵. A presente narrativa é a conclusão de uma outra, iniciada no gênero diário desde 1980, quando a mãe da escritora se interna em uma casa para aposentados. Sua mãe morre em 1986 e a narração é publicada em 1987⁶.

² Confira Annie... (2020).

³ Confira Ernaux (2011).

⁴ “*En aucun cas, on ne lira ces pages comme un témoignage objectif sur le ‘long séjour’ en maison de retraite, encore moins comme une dénonciation, seulement comme le résidu d’une douleur [...]*” (ERNAUX, 1997, p.13).

⁵ « *J’avais l’impression de me placer dans le temps où elle ne serait plus* » (ERNAUX, 1997, p.11–12).

⁶ A obra sobre a morte de sua vida iniciada em forma de diário começa com *Je ne suis pas sortie de ma nuit* (*A noite em mim*), tradução livre. Estamos em elaboração de um outro artigo com esta obra, por isso, não a mencionaremos mais nestes escritos.

Simone Lucie-Ernestine-Marie Bertrand de Beauvoir nascida em Paris em 09 de janeiro de 1908, morre em Paris em 14 de abril de 1986, escreveu romances, peças de teatro, ensaios, memórias⁷.

Une mort très douce publicada em 1964 é composta de 164 páginas pela Gallimard. De Beauvoir apresenta a vida de sua mãe e daqueles que viveram em seu entorno. Ela escreve a vida de sua mãe atingida por um câncer. A morte lhe é inconsolável mesmo atrelada ao pensamento de imortalidade. A personagem-narradora diz “[...] que se imagine celeste ou terrestre, a imortalidade, quando se tem apego à vida, não consola a morte.” (BEAUVOIR, 1964, p.132)⁸.

As obras em questão descrevem a vida das mães de cada uma das escritoras em geral, e nas casas de repouso, em particular. Mas, antes de analisar os fragmentos das obras em questão, entendamo-nos primeiramente por conceitos que sustentaram nossa análise.

Fundamentação teórica em torno dos conceitos-chave: representação, morte e luto respectivamente

O termo representação da psicologia social, segundo Jodelet (1984), assinala que a humanidade é concebida por sujeitos sociais que na idade adulta se inscrevem em situações sociais e culturais definidas. Enquanto sociedade, essas situações são preenchidas por valores, tradições e normas que reproduzimos diariamente em nosso cotidiano, formando um pensamento social aceito pelas comunidades nas quais vivemos.

Partindo do pressuposto de que toda representação social é uma visão coletiva e/ou individual existente sobre alguém ou sobre alguma coisa, a autora propõe dois sistemas de formação de representações desenvolvidos a partir das reflexões do psicólogo social Serge Moscovici nos anos 1980: os sistemas de **Objetificação e Ancoragem**.

Na Objetificação, a representação social torna-se indissociável entre o objeto e o conceito, surgindo dessa forma o que se chama de clichês e as fórmulas que sintetizam uma imagem não-familiar em uma imagem distinta. Jodelet (1984) classifica a **objetificação** em três fases: 1. a seleção e a descontextualização das informações sobre tal objeto; 2. a formação de uma estrutura imaginária, realizada

⁷ Confira Simone... (2020).

⁸ « *Qu'on l'imagine céleste ou terrestre, l'immortalité, quand on tient à la vie, ne console pas la mort .»* (BEAUVOIR, 1964, p.132).

no nível consciente e inconsciente; 3. a naturalização dessa imagem que permite que ela tome forma na sociedade.

Atrelando, por exemplo, as representações sociais à da morte no Ocidente temos: a objetificação da morte vinculada a **selecionar e a descontextualizar** informações sobre a mesma permitindo, ao ser enlutado, formar sua estrutura imaginária em dois níveis: consciente e inconsciente. Resulta disso, uma certa “naturalização” da imagem positiva ou negativa do objeto tratado, geralmente, no caso da morte, uma imagem negativa que passa a ser vista de forma natural. No tocante ao sistema de **ancoragem**, o ser enlutado pode **classificar e estipular** regras sociais a esse imaginário consciente ou inconsciente que foi criado na objetificação. É, então, no sistema de ancoragem que algo geral torna-se distinto, ou seja, a morte sentida como sentimento negativo, torna-se objeto de repúdio, dor e sofrimento devido à forma que ela toma na sociedade manifestada pela objetificação.

Jodelet (1984, p.66) afirma igualmente que “[...] as representações comportam sempre algo do social e tornam-se categorias da linguagem.” Assim, a morte poderá ser representada enquanto objeto de amor perdido, do afeto ausente, dos passeios e risadas em imobilidade e silêncio de um tempo que não existe mais para quem amamos. As representações ficam sendo responsáveis pelo caráter imaginário acordado ao objeto em foco. Elas se tornarão um conceito simbólico, representativo, construtivo, autônomo e criativo, que regem a forma pela qual conceituamos as ideias e classificamos tudo ao nosso redor, criando opiniões morais cristalizadas socialmente, transmitidas de geração em geração.

Entretanto, como sair do emaranhado de representações negativas passadas de geração a geração? Ora, toda perda gera luto que gera dor pela ausência da vida do ente querido em nossas vidas. Porém, precisamos compreender o que nos causa essa dor, pois como sabemos a objetificação e a ancoragem da morte provocam de modo coletivo e particular dor e sofrimento, sentimentos tidos como negativos em nossa sociedade. O problema é a dor que sentimos ou a negação da morte e da dor na sociedade moderna? Mas, será que a morte sempre teve essa representação negativa em nossa sociedade?

Philippe Ariès (1975), historiador francês, em seu Ensaio sobre a história da morte no Ocidente – da Idade Média aos nossos dias, escreve que o sentimento da morte está totalmente atrelado às nossas atitudes, modos e comportamentos sociais. No ensaio “As atitudes diante da morte” (ARIÈS, 1975), o autor apresenta a evolução da representação da morte e entendemos que, de cativada, ela se torna proibida. No ensaio que acabamos de mencionar, por um lado, a morte é um

fenômeno coletivo e negada em nossa sociedade. Por outro, ela é individual e deveria ser proibida, podendo acontecer apenas com o outro. A **morte cativada**, segundo Ariès (1975, p.17-31) é pensada de modo sincrônico. Ela persiste durante uma série de longos períodos na sociedade. Naquela época, a morte era esperada na cama, em casa, junto aos familiares. A atitude era de advertência de que se ia morrer, por sinais naturais, por premonição, pela natureza íntima de quem ia morrer. Ou pelo contrário, nada se dizia a respeito quando se era atingido, por exemplo, pela peste ou pela morte súbita. Depois de a morte ser representada como morte cativada, ela é pensada como a **morte de si** e a atitude diante desta era de resignação. Esse fenômeno era visto como o movimento último de se ultrapassar a grande etapa da vida, momento em que o homem revive, como em um filme, toda sua história. A morte de si era pensada de um modo resignado como a última fase da vida.

Mas, chegado o tempo sobre o pensamento da **morte do outro**, pensava-se menos em sua própria morte, ainda menos como um fenômeno coletivo. Segundo Ariès (1975, p. 46) “[...] a morte romântica, retórica, é primeiramente, a **morte do outro**; o outro cuja saudade e lembrança inspiram nos séculos XIX e no XX, o novo culto dos túmulos e dos cemitérios.”⁹ Enquanto a **morte cativada e a morte de si** tinham como movimento a resignação, em relação ao destino final da humanidade, pois morremos porque somos mortais. Porém, com a chegada do pensamento de a **morte de ti**, segundo Ariès (1975, p.46-60), dá-se um novo sentido para a morte: “[...] ele a exalta, a dramatiza, quer que ela impressione e monopolize. Mas, ao mesmo tempo, ocupa-se menos com sua própria morte.”¹⁰

Mas, o que se passou de fato para abandonarmos a atitude de resignação diante da morte e adotarmos uma atitude aterrorizante até hoje, diante desse fenômeno?

Entendemos ainda com Ariès (1975) que a influência da arte pictórica de Hans Baldung Grien, morto em 1545, tenha contribuído muito para a ruptura das atitudes de resignação do homem e, por sua vez, o tenha impulsionado para a revolta, a negação da morte. O artista Grien pinta a morte misturada com belas cenas da vida de jovens que se amam, de mulheres e crianças que brincam em parques. Ele atrela a imagem da morte ao amor, entre outras cenas pictóricas. Introduz-se assim no imaginário da sociedade daquela época, o terror da morte.

⁹ « *La mort romantique, rhétorique, est d'abord la mort de l'autre ; l'autre dont le regret et le souvenir inspirent au XIXe et au XXe siècle le culte nouveau des tombeaux et des cimetières.* » (ARIÈS, 1975, p. 46).

¹⁰ « *Il l'exalte, la dramatise, la veut impressionnante et accaparante. Mais, en même temps, il est déjà occupé moins de sa propre mort.* » (ARIÈS, 1975, p.46-60).

Há notadamente uma ruptura entre o natural e a luta contra a atitude resignada. Ariès (1975, p.47) afirma que na época em questão, se “[...] associam na arte e na literatura, a morte ao amor, Tanatos a Eros: temas eróticos-macabros, ou temas simplesmente mórbidos, que testemunham uma complacência extrema com os espetáculos da morte, do sofrimento, dos suplícios.”¹¹ É com Ariès (1975), que entendemos que há mudança de atitude, por exemplo, entre o moribundo e sua família. Entra em cena a vontade do moribundo pelo testamento que expressa sua vontade última notadamente no tocante à sua herança. Mas a mudança mais evidente se dá no exagero do luto do século XIX, pois os vivos aceitam com mais dificuldade, a morte do outro. Como diz Ariès (1975, p. 53) “[...] a morte temida não é mais a minha, mas a do outro, a morte de ti.”¹²

A evolução do fenômeno chega a tocar a evolução da palavra morte e mudar seu léxico, segundo o tempo/contexto em que ela se encontra. Pensando nos tempos atuais, na era das tecnologias, o termo morte, em jogos de vídeo game, é representado como desqualificação do jogador, mas também como eliminação do oponente. Se o inimigo do jogo morre, o jogador sente alegria e seu adversário raiva. Se morremos no jogo, sentimos tristeza, revolta. Em tempos da pandemia do Covid 19, a morte é representada mais uma vez como injusta, sobretudo porque ninguém a convidou para se fazer tão presente e de modo ostensivo na atual e moderna sociedade tecnológica. Além disso, o combate se torna bastante desafiador, partindo do ponto de que qualquer um de nós pode ser portador dessa doença contagiosa. Pensar que poderemos levar a morte sem querer aos nossos entes queridos, parece fazer Dela, a Toda Poderosa, a Inimiga da Vida.

Todavia, quem pensaria a morte de modo diferente do que acabamos de escrever? Quem pensa que esse fenômeno de morte coletiva nos leva a refletir no fato de que ela nos relega ao lugar de mortais que somos? E o fenômeno é tão nebuloso para uns que refutam veementemente cuidados básicos de proteção da própria vida e da do outro. Seguindo os pensamentos de Ariès, no Covid 19 nem a morte de si, nem a morte de ti importa mais. Há uma banalização total e completa por alguns dessa doença e de suas consequências.

No entanto, impossível viver a morte de um ente querido sem passarmos pelo luto mesmo quando nossa atitude seja a de negá-lo. Assim, Bacqué (2000)

¹¹ « Dans l'art et dans la littérature, associent la mort à l'amour, Thanatos à Éros : thèmes érotico-macabres, ou thèmes simplement morbides, qui témoignent d'une complaisance extrême aux spectacles de la mort, de la souffrance, des supplices. » (ARIÈS, 1975, p. 47).

¹² « La mort redoutée n'est donc pas la mort de soi, mais la mort de l'autre, la mort de toi ». (ARIÈS, 1975, p. 53).

em seu livro *Viver seu luto (Le Deuil à vivre)* mantém um discurso no sentido de que a melhor maneira de viver o luto, é viver bem a vida no aceite de todas as fases, e isso inclui, obviamente, a da morte. Ela afirma que o luto demanda um lento processo de elaboração dolorosa, mas é pela dor que poderemos começar a ter distanciamento do objeto de amor perdido. Segundo Freud (2006, p.249), em seu artigo “Luto e melancolia”, “[...] embora o luto envolva graves afastamentos daquilo que constitui a atitude normal para com a vida, jamais nos ocorre considerá-lo como sendo uma condição patológica e submetê-lo a tratamento médico.”

Ora, que espaço, neste tema para o texto de ficção? Este coloca em palavras o que o sentimento doloroso pode engendrar em nós com a perda e a ausência de um ente querido. No entanto, como afirma Bacqué (2000, p.13):

A reflexão em torno da morte e do luto pode favorecer a expressão de afetos de angústia, de medo, de tristeza, de desespero. Colocar em palavras estas provocações desestabilizantes, realiza um primeiro distanciamento em relação à violência do sentimento. Ela permite também uma primeira identificação desses furacões internos, tornando possível o reconhecimento deles no outro.¹³

Essa teoria não joga com eufemismos sobre a dor da perda. Em seu discurso enquanto psicanalista, colocar em palavras a dor, é meio de realizar o distanciamento necessário para superar o luto. Mas antes de ultrapassá-lo, passamos pelo sofrimento da ausência. E tudo se complica ainda mais quando socialmente se inculca que dor e sofrimento são negativos. Bacqué (2000) indica que o luto é um processo normal. E como o luto acontece? Ele acontece porque perdemos o que vem a ser considerado um objeto de amor, seja um indivíduo ou uma abstração, como um ideal. O luto é um período de fixação sobre o objeto de amor perdido, um período de depressão. Mas chega um momento em que o eu deve decidir continuar no desencanto pela vida ou reagir a dor de sua perda para superá-la.

A continuidade da busca equivale a compreendermos nossa adaptação com a ausência do objeto de amor perdido. Uma pergunta nos vem à mente: ao

¹³ « *La réflexion autour de la mort et du deuil peut favoriser l'expression d'affects d'angoisse, de peur, de tristesse, de désespoir. La mise en mots de ces épreuves bouleversantes réalise une première distanciation par rapport à la violence du ressenti. Elle permet aussi une première identification de ces orages intérieurs, rendant possible leur reconnaissance chez autrui* ». (BACQUÉ, 2000, p.13).

Representações da morte nas obras *Une femme* (1987) de Annie Ernaux e [...]

passarmos por essa experiência representada em nossa sociedade como negativa, poderemos nos tornar mais fortes?

Na Literatura, segundo Iser (2002, p. 106) em *O Jogo do texto*, a representação é vista “[...] como conceito capaz de capturar o que, de fato, sucede na arte ou na literatura.” Essa captura é feita através da leitura literária mobilizando a identificação em aceitação ou recusa do sujeito leitor com o texto lido. Desta forma, o sujeito-leitor participa e se apropria do objeto de arte porque vive a leitura como uma experiência profunda de algo retratado no texto lido. O que pode, então, a leitura literária?

Segundo Dufays e Daunay (2020), a leitura de textos literários desencadeia uma reflexão sobre a interação entre o texto e o leitor. O leitor vive uma experiência qualificada de estética. Há autores que opõem a leitura literária da leitura referencial. O que é certo é que a leitura literária se centra na apreensão e no funcionamento dos textos pelo leitor, distanciação analítica e valorização simbólica e polissêmica do texto. Acrescente-se à leitura literária a dimensão estruturante da identificação e da imersão ficcional desde que o sujeito-leitor se deixe captar por ela. Acrescentamos igualmente que ela convoca o sujeito-leitor a entrar no jogo das representações por empatia ou rejeição ao texto literário e a sua leitura, o transforma em outro, em um alterleitor. Logo, é bom ler sobre temas que nos façam refletir sobre a vida e suas inúmeras facetas. Passemos às análises dos excertos das obras.

Análise comparativa entre os excertos das obras *Une Femme* (1987) e *Une Mort très douce* (1964): do anúncio da morte e das reações após a morte das mães das personagens-narradoras

Sobre a morte da mãe de A. Ernaux podemos ler em *Une Femme* “Estou no verdadeiro tempo onde ela não estará nunca mais” (ERNAUX, 2011, p.557)¹⁴. Em *Une Mort très douce* é suscitada uma bela representação negativa da morte: “Inútil pretender integrar a morte à vida e se conduzir de maneira racional face à uma coisa que não é: que cada um se vire ao seu modo na confusão de seus sentimentos.” (BEAUVOIR, 1986, p.152)¹⁵. Annie Ernaux sugere a morte como um tempo em que a pessoa amada não existe mais para sempre. A escritora vê a

¹⁴ « Je suis dans le vrai temps où elle ne sera plus jamais ». (ERNAUX, 2011, p.557).

¹⁵ « Inutile de prétendre intégrer la mort à la vie et se conduire de manière rationnelle en face d’une chose qui ne l’est pas : que chacun se débrouille à sa guise dans la confusion de ses sentiments ». (BEAUVOIR, 1986, p.152).

morte como fim. Simone de Beauvoir sugere que a morte não é racional, e essa representação suscita a negação da morte.

No anúncio da morte da mãe delas podemos ler na obra *Une Femme* que “[...] minha mãe morreu em uma segunda-feira 07 de abril na casa de repouso do hospital de Pontoise depois de dois anos que eu a coloquei lá.” (ERNAUX, 2011, p.555)¹⁶. A personagem-narradora sabe do acontecido por um telefone, e descreve sua morta assim: “Ela parecia uma mumiazinha. [...] Eu queria ter colocado nela uma camisola branca, bordada com sianinhas que ela mesma havia comprado para seu enterro [...] o enfermeiro disse que uma mulher de serviço a colocaria nela, como também, o seu crucifixo.” (ERNAUX, 2011, p. 555)¹⁷. Em *Une Mort très douce* lemos que “Poupette chegara perto de mamãe já ausente; o coração batia, ela respirava, sentada, olhos vidrados, sem ver nada. E foi seu fim: os médicos diziam que ela se apagaria como uma vela [...] eu vos asseguro que esta foi uma morte suave.” (BEAUVOIR, 1986, p.137)¹⁸. E acrescenta: “(...) nem cruz, nem crucifixo, porém uma grande coroa de flores.” (BEAUVOIR, 1986, p.149)¹⁹.

Esses dois excertos sugerem uma diferença de atitude no sentido de que a mãe descrita em *Une Femme* foi enterrada com o crucifixo dela, enquanto a de *Une Mort très douce*, com nenhum. Ora, durante as narrações lemos que ambas as mães eram católicas, tinham fé. Em *Une Femme*, lemos o que segue: “[...] minha mãe mostrou um vivo interesse pela religião desde muito cedo. O catecismo é a única matéria que ela aprendeu com paixão, conhecia de cor todas as respostas.” (ERNAUX, 2011, p.663). Em *Une Mort très douce*, “[...] é domingo hoje, tia Françoise; não tem vontade de comungar? – ó minha pequena, estou muito cansada para orar; Deus é Bom [...] Louise me perguntou se havia um capelão na clínica. Tu sabes bem, que não estou nem aí pra isso.” (BEAUVOIR, 1986, p.139)²⁰. Assim Poupette et Simone fazem a última vontade de sua moribunda.

¹⁶ « Ma mère est morte le lundi 7 avril à la maison de retraite de l'hôpital de pontoise où je l'avais placée il y a deux ans. » (ERNAUX, 2011, p.555).

¹⁷ « Elle ressemblait à une petite momie [...] J'ai voulu lui passer la chemise de nuit blanche, bordée de croquet qu'elle avait achetée autrefois pour son enterrement. L'infirmier m'a dit qu'une femme au service s'en chargerait, elle mettrait aussi sur elle le crucifix. » (ERNAUX, 2011, p. 555).

¹⁸ « Poupette était revenue près de maman, déjà absente ; le cœur battait, elle respirait, assise, les yeux vitreux, sans rien voir. Et ç'a été fini : les docteurs disaient qu'elle s'éteindrait comme une bougie : [...] je vous assure que ç'a été une mort très douce. » (BEAUVOIR, 1986, p.137).

¹⁹ « Ni croix, ni crucifix, mais une grosse gerbe ». (BEAUVOIR, 1986, p.149).

²⁰ « C'est dimanche aujourd'hui, tante Françoise ; vous n'avez pas envie de communier ? – Oh ma petite, je suis trop fatiguée pour prier ; Dieu est bon ! [...] Cette pauvre Louise m'a demandé s'il y avait un aumônier dans la clinique. Tu comprends ce que je m'en fiche ! » (BEAUVOIR, 1986, p.139).

Representações da morte nas obras *Une femme* (1987) de Annie Ernaux e [...]

São diversas as reações das personagens-narradoras com a perda de suas genitoras. Podemos ler em *Une Femme* o que segue:

[...] na semana seguinte a sua morte, eu chorava em qualquer lugar. Quando acordava, eu sabia que minha mãe estava morta. Saía de sonhos pesados nos quais apenas me lembrava de que ela lá se encontrava, e morta. Eu não fazia nenhuma atividade para viver, como feiras, refeições... (ERNAUX, 2011, p.559).

Em *Une Mort très douce* está escrito: “Estava com um nó preso na garganta, tive problemas para pronunciar qualquer palavra que fosse.” (BEAUVOIR, 1986, p.151). Ora, se pensamos em termos de processo do luto, ele se apresenta em ambas as passagens-narradoras com o sentimento de melancolia, quando o ser enlutado não sente mais graça em viver. A emoção à flor da pele e a vontade estrema de chorar vêm sempre à tona.

Um outro passo na vivência do processo do luto é se desfazer dos objetos da pessoa amada. Lemos em *Une Femme*: “[...] não desejei mais levar as roupas e os objetos que ela tinha, exceto uma estatueta comprada quando peregrinou em Lisieux com meu pai e um pequeno limpa-chaminés, lembranças de Annecy.” (ERNAUX, 2011, p. 556)²¹. Em *Une Mort très douce*,

[...] é bem conhecido o poder dos objetos: a vida neles se petrifica, mais presente que nunca [...] Quando soltou o cordão preto, Poupette desandou a chorar: “Isso é completamente besta, não sou fetichista, mas não consigo jogar fora esta fita.” – Guarde-a”. (BEAUVOIR, 1986, p. 152)²².

Os pertences do defunto nos falam como se ele estivesse ainda vivo para nós, os objetos acordam nossa memória afetiva. Por isso, é importante a atitude da tomada de decisão sobre o que jogar fora e o que guardar dos pertences do ente querido. Essa atitude aguça a sensibilidade e o amor que tínhamos por ele.

Sobre a compra do caixão na casa funerária, podemos ler em *Une Femme*: “Cerca de dez caixões estavam em pé encostados em uma parede. O empregado

²¹ « Je n'ai pas désiré emporter les vêtements et les objets qu'elle avait eus ici, sauf une statuette achetée lors d'un pèlerinage à Lisieux avec mon père, autrefois, et un petit ramoneur savoyard, souvenir d'Annecy. » (ERNAUX, 2011, p.556).

²² « C'est connu le pouvoir des objets : la vie s'y pétrifie, plus présente qu'en aucun de ses instants [...] en détachant le cordonnier noir, Poupette s'est mise à pleurer : « C'est idiot, je ne suis pourtant pas fétichiste mais je ne peux pas jeter ce ruban. – Garde-le. » (BEAUVOIR, 1986, p.152).

disse: “Todos os preços estão com taxas inclusas [...] Escolhi o caixão de carvalho porque era a árvore preferida dela e ela sempre se inquietava para saber se o móvel novo que estava na frente dela era de carvalho.” (ERNAUX, 2011, p.555)²³. No excerto de *Une Mort très douce*, lemos:

Dois senhores vestidos de preto questionaram a mim e a minha irmã sobre nossos gostos. Mostram-nos em fotografias diversos caixões: “Este aqui é mais estético”. Poupette começou a rir e a chorar forte: “Mais estético! Esta caixa! Ela não queria que a colocassem naquela caixa!” (BEAUVOIR, 1986, p. 149)²⁴.

As personagens-narradoras apresentam emoções diferentes na hora da escolha da última morada de suas genitoras. Enquanto em *Une Femme* a escolha se dá por afeto, respeito e amor à morta, em *Une Mort très douce* a escolha foi feita com dor, negação de ver a mãe morta no caixão.

Considerações finais

No primeiro parágrafo da análise, temos a representação da morte segundo as personagens-narradoras semelhante às apresentadas nas atitudes do homem na morte do Ocidente, ou seja, a morte como fim e como negação. Em seguida, o que destacamos é a representação de carinho com suas mães, pois lemos que a vontade última das defuntas foi realizada. Dito em outras palavras, uma foi enterrada com o seu crucifixo e a outra sem ele. O estado melancólico vivenciado no luto é sugerido, e foi aguçado pelo manuseio dos objetos do ente querido como acabamos de ler. Por fim, a atitude de choque e negação, no tocante ao ato materializado da cerimônia do enterro, e ela foi feita com muita dor.

No entanto, a sociedade ocidental precisa saber que a morte é necessária à vida. Sem a morte, a vida não poderia existir. E entendamos aqui que nos referimos a morte de todo e qualquer ser vivo. Por mais que a sociedade represente o fenômeno da morte como doloroso, o luto advindo da perda e da ausência do

²³ « Une dizaine de cercueils étaient debout contre le mur. L'employé a précisé : « Tous les prix sont t.c. » [...] J'ai pris du chêne parce que c'était l'arbre qu'elle préférerait et qu'elle s'inquiétait de savoir devant un meuble neuf s'il était en chêne. » (ERNAUX, 2011, p.555).

²⁴ « Deux messieurs en noir se sont enquis de nos désirs. Ils nous ont montré, sur des photographies, divers modèles de cercueil : 'Celui-ci est plus esthétique.' Poupette s'est mise à rire et à sangloter : ' Plus esthétique ! Cette boîte ! elle ne voulait pas qu'on la mette dans cette boîte ! » (BEAUVOIR, 1986, p.149).

Representações da morte nas obras *Une femme* (1987) de Annie Ernaux e [...]

ente querido deve ser ultrapassado encarando a própria dor. A negação dessa realidade é caminho na contramão para reconquistar a alegria de viver.

Mas, escrever sobre a morte de sua própria mãe é para Annie Ernaux (2011, p.569)

[...] colocá-la no mundo [...] isto não é uma biografia, nem um romance naturalmente, talvez seja algo entre a literatura, a sociologia e a história. Era necessário que minha mãe, nascida em um lugar dominado, de onde ela quis sair, fizesse história, para que eu me sinta menos só e factícia no mundo dominante das palavras e das ideias.²⁵

Simone, na missa de adeus de sua genitora, descreve que

[...] o padre falou ainda um pouco. E a emoção nos apunhalava quando ele pronunciava: “Françoise de Beauvoir”; essas palavras a ressuscitava, totalizavam sua vida, da infância ao casamento, da viuvez ao caixão”; Françoise de Beauvoir se tornava um personagem, esta mulher apagada, tão raramente nomeada.” (BEAUVOIR, 1986, p.150)²⁶.

Enfim, o projeto de literatura de ambas as escritoras se compara pela entrada dessas mães na Literatura. Uma, oriunda da classe dominada e a outra raramente nomeada, embora tivesse nascido na classe dominante. Ambas as mães se distanciam por suas vivências e origens. No entanto, a dor, o sofrimento da perda e da ausência parecem os mesmos para as personagens-narradoras. Se o berço nos diferencia, a morte nos iguala porque como mortais, diz autor, ela é “[...] um caminho que pode desencadear o processo de reconquista de valores centrais [...]” (XYPAS, 2004, p.16).

²⁵ « Il me semble maintenant que j'écris sur ma mère pour, à mon tour, la mettre au monde ». (ERNAUX, 2011, p.569).

²⁶ « Le prêtre a encore un peu parlé. Et toutes les deux, l'émotion nous poignait quand il prononçait : « Françoise de Beauvoir » ; ces mots la ressuscitaient, ils totalisaient sa vie, de l'enfance au mariage, au veuvage, au cercueil ; Françoise de Beauvoir : elle devenait un personnage, cette femme effacée, si rarement nommé ». (BEAUVOIR, 1986, p.150).

REPRESENTATIONS OF DEATH IN THE WORKS *UNE FEMME* (1987), BY ANNIE ERNAUX, AND *UNE MORT TRÈS DOUCE* (1964), BY SIMONE DE BEAUVOIR

ABSTRACT: *Literature escapes what reaches everybody. However, in order to expand the understanding of the pain caused by the death of a loved one, it is possible to search for references in other human sciences, such as History, Sociology, and Psychoanalysis as well as in the aesthetic experience lived through the reading of literary texts. Well, if we are what we read, and what we read is a construct from those who write and who read, what are the processes of mourning for the loss and absence of a loved one? How do we react to an emotional loss? We have carried out a comparative analysis of the works *Une Femme* (1987), by Annie Ernaux, and *Une Mort très douce* (1964), by Simone de Beauvoir, both contemporary French authors, about the announcement and the reactions of the characters-narrators regarding their mothers' deaths. The approach is comparative and was made in the light of reception theories with a focus on narrating the theme of death; on social psychology regarding the term representation; on the psychoanalysis of mourning aimed at understanding losses and absences; and, finally, on those of the history of death in the West regarding the attitudes of mankind in the face of this phenomenon.*

KEYWORDS: *French Literature. Mourning. Death. Representations.*

REFERÊNCIAS

ANNIE Ernaux. Auteurs contemporains. Disponível em: <https://auteurs.contemporain.info/doku.php/auteurs/annie_ernaux>. 22 de julho de 2020.

ARIÈS, P. **Essais sur la mort en Occident** : du moyen âge à nos jours. Paris : Éditions du Seuil, 1975.

BACQUÉ, M-F. **Le Deuil à vivre**. Paris : Odile – Jacob, 2000.

BEAUVOIR, S. de. **Une mort très douce**. Paris : Gallimard, 1987.

DUFAYS, J.-L. ; DAUNAY, B. Lecture littéraire. In : RANNOU, N-B. et al. (Org.). **Un dictionnaire de didactique de la littérature**. Paris : H. Champion, 2020. p. 74-76.

ERNAUX, A. **Une Femme**. In- *Écrire la vie*. Paris : Quarto Gallimard, 2011. p. 553-603.

_____. **Je ne suis pas sortie de ma nuit**. Paris: Gallimard, 1997.

_____. **Les armoires vides**. Paris: Gallimard, 1974. (Collection Folio, 1600).

FREUD, S. Luto e melancolia (1917). In: _____. **A história do movimento psicanalítico**: artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p.

Representações da morte nas obras *Une femme* (1987) de Annie Ernaux e [...] 249-263. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).

ISER, W. **O Jogo do texto**. In: LIMA, L. C. (Org.). **A literatura e o leitor**: textos de estética da recepção. Seleção, coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. São Paulo: Paz e Terra, 2002. p. 105-118.

JODELET, D. Représentation sociale, phénomènes, concept et théorie. In: MOSCOVICI, S. **Psychologie Sociale**. Paris: P.U.F., 1984. p.357-378.

SIMONE DE BEAUVOIR. Wikipédia. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Simone_de_Beauvoir>. Acesso em: 22 jul. 2020.

XYPAS, R. **A vida só é possível reinventada**: As Representações da morte na Obra Poética de Cecília Meireles. 2004. 107f. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

XYPAS, R. **Étude lexicale de l'œuvre poétique de Cecilia Meireles** : Linguistique du corpus e analyse littéraire. Paris : Ominscriptum, 2010a.

_____. Processos do luto em poemas líricos de Cecília Meireles. **Revista Leia Escola**, Campina Grande, v.10, n.1, p. 27-42, 2010a.

